O mundo vai bem, o Brasil, nem tanto, na visão do FMI
Sandra Nascimento

O mundo nunca esteve em condições tão favoráveis como agora, na avaliação dos economistas do Fundo Monetário Internacional (FMI). As projeções para este ano superaram as expectativas da própria instituição, segundo o "Panorama Econômico Mundial" (World Economic Outlook 2006), divulgado ontem em Washington. Com as novas perspectivas em análise, o Fundo espera agora um crescimento mundial de 4,9%, 0,6 ponto percentual acima da estimativa anterior.

O Brasil é um dos países que menos tem aproveitado o fluxo positivo de expansão mundial e, confirmados os números do FMI, ficará, mais uma vez, abaixo dos resultados mundial e da América Latina (AL), com um crescimento esperado de 3,5% para este ano e igual desempenho em 2007. O relatório do Fundo Monetário Internacional (FMI) constata que a atividade econômica no Brasil diminuiu "drasticamente" no ano passado, quando cresceu apenas 2,3%, bem abaixo dos 4,9% registrados em 2004.

Na AL, o destaque é para a "robusta expansão econômica" - expectativa de 4,3% para este ano - puxada sobretudo pela Argentina e a Venezuela. Resultado que seria melhor não fosse a retração registrada no Brasil, México e Peru.

O diretor do departamento de pesquisas do FMI, Raghuram Rajam, avalia que o País fez importantes avanços macroeconômicos, com destaque para o controle da inflação mas, agora, disse, "é preciso fazer as reformas estruturais", para se tornar mais competitivo e acelerar o crescimento econômico. Dentre as mudanças que ao seu ver precisam ser feitas, o executivo citou a necessidade de agilizar o que chamou de capacidade de as pessoas fazerem negócios, uma crítica constante dos organismos internacionais sobretudo à burocracia brasileira. Ele defende também uma maior eficiência do setor financeiro. "O Brasil avançou em muitas áreas, como no setor agrícola mas é preciso ampliar isso (o leque de sucesso)", disse o economista-chefe do Fundo, destacando também como exemplo brasileiro bem sucedido a Embraer.

Ainda segundo o estudo do FMI, divulgado às vésperas da reunião conjunta de primavera (FMI e Banco Mundial) que acontece no próximo fim de semana, há condições de o Brasil começar a reduzir os juros básicos. "Com as expectativas de inflação bem ancoradas, há espaço para continuação da gradual redução de juros iniciada em setembro de 2005. Há sinais recentes de elevação na atividade, como nas vendas no varejo e produção industrial, e há expectativa de crescimento para 2006, à medida que uma menor taxa de juro estimule uma recuperação no investimento."

Ano eleitoral

As eleições presidenciais deste ano não deverão ser motivo para o Brasil descuidar do controle dos gastos públicos, avalia o Fundo. O relatório do FMI lembra que o superávit primário no ano passado ficou em 4,8% do Produto Interno Bruto (PIB), superior à meta estabelecida pelo governo de 4,25% mas destaca que, para continuar a reduzir a dívida pública, "é importante resistir às pressões para um alívio fiscal e sustentar os superávits primários".

Num recado não só para o Brasil mas também para toda a América Latina, em especial para os países em processo eleitoral - uma das razões que teria contribuído para o fraco desempenho não só do Brasil e do México, mas também do Peru -, o FMI reforça "a importância de se manter políticas econômicas sólidas e defender a credibilidade tão duramente conquistada entre investidores nacionais e estrangeiros durante a transição política". Dívida pública e disciplina fiscal são preocupações constantes do FMI e apesar das "grandes conquistas" alcançadas na região em 2005, a relação dívida/PIB em muitos países ainda se encontra em níveis superiores a 50%, limite do que a instituição considera como seguro (o Brasil está bem próximo, mas ainda ligeiramente acima deste percentual).

China e Índia continuam em ritmo forte de expansão, o Japão volta a crescer depois de um bom tempo estagnado, sinais de recuperação são vistos em toda a região do euro, os Estados Unidos (EUA) tiveram seu desempenho revisto de 3,2% para 3,4% - o melhor entre os países desenvolvidos; a África deverá ter o seu melhor resultado dos últimos 30 anos.

Para Rajam, no entanto, resultados tão positivos podem dar a falsa impressão de que está tudo bem e nada precisa ser feito. "Um tempo precioso está sendo perdido (pelos governos), deixando muito a ser feito em períodos bem menos favoráveis". Segundo o estudo, enquanto os lucros das empresas estão crescendo e estão sendo fortalecidos, "riscos estão com tendência para um aspecto negativo", informou o FMI.

"Especialmente, o amplo déficit de conta corrente - que detém 6,4% do PIB - deixa os Estados Unidos vulneráveis a uma oscilação na confiança do investidor, o que poderia pressionar para baixo o dólar", completou. O FMI tem alertado que os déficits dos EUA precisam ser mantidos sob controle e, para o economista-chefe do FMI, "no médio prazo, o plano da administração dos EUA de cortar o déficit orçamentário pela metade no ano fiscal de 2009, não é ambicioso.

Expansão e desequilíbrio

Os maiores índices de crescimento, segundo o relatório, deverão ser verificados na China (9,5% em 2006 e 9% em 2007) e na Índia (7,3% neste ano e 7% no próximo). A economia americana deve crescer 3,4% neste ano, o maior crescimento entre os países industrializados. Apesar do crescimento mais moderado no fim do ano passado, os dados dos primeiros meses deste ano sugerem uma recuperação. O principal risco, de acordo como os economistas do Fundo, viria de um desaquecimento abrupto do mercado imobiliário (ver matéria nesta página).

O Japão, depois de um período significativo de estagnação, teve um crescimento forte no último trimestre do ano passado e agora a expectativa é de aquele país asiática aumentar sua economia em 2,8% neste ano e de 2,1% em 2006. "A expansão (entre as diversas regiões) está muito mais ampla", informa o relatório.

ARTE GAZETA

PERSPECTIVAS MUNDIAIS

Evolução anual
(variação em %)

			Projeção atual		Diferença em relação às projeções de set/05	
	2004	2005	2006	2007	2006*	2007*
Produção global	5,3	4,8	4,9	4,7	0,6	0,3
Brasil	4,9	2,3	3,5	3,5	—	—
México	4,2	3,0	3,5	3,1	—	—
Rússia	7,2	6,4	6,0	5,8	0,8	0,8
China	10,1	9,9	9,5	9,0	1,3	1,0
Índia	8,1	8,3	7,3	7,0	1,0	0,5

Fonte: FMI * Em ponto percentual

Fonte: Gazeta Mercantil, São Paulo, 20 abr. 2006, Internacional, p. A-16